

ESPECULAR N°

006

JANEIRO 2024

A Cultura Brasileira como centro especulativo

CONTO EXCLUSIVO

Por J. Felippo Gomes
"O canto do Rasga-Mortalha"

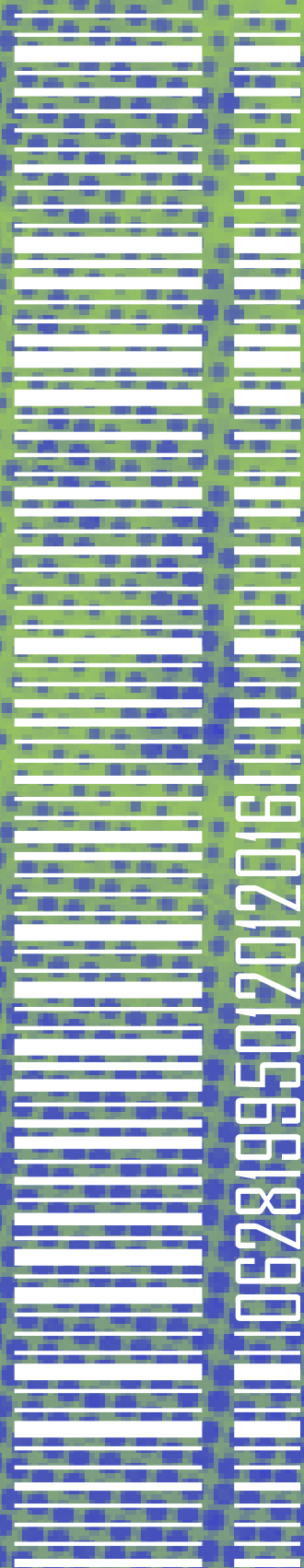
ARTIGO por Gabriel Mello

"O deslocamento entre os
termos 'folclore' e
'mitologia' na produção
especulativa nacional"

RESENHA por Nayra Dantas

"A Última Estação, de Igor
Ribeiro"

ESPE CULAR



p.03

Apresentação

por DANIEL ALVES

p. 05

O Deslocamento Entre os Termos 'mitos' e 'folclore' na Produção Especulativa Nacional Como Repressão Às Cosmologias Originárias

Um artigo por GABRIEL MELLO

p. 11

O canto do Rasga-Mortalha

Um conto por J. FELIPPO GOMES

p. 17

A Última Estação, de Igor Ribeiro

Uma resenha por NAYRA DANTAS

p. 19

Por que o Brasil não ocupa um lugar fixo no centro do entretenimento do Terror e da Fantasia no mundo?

Um ensaio por DAVI ROYALTY

APRESENTAÇÃO

por Daniel Alves

As tradições e os contos estão intrinsecamente entrelaçados à nossa sociedade, assim como as veias estão ao corpo humano. É uma prática comum a transmissão de histórias ao longo das gerações, passando de boca em boca, atravessando as fronteiras culturais. Quando se trata de narrativas de terror, é surpreendente como qualquer pessoa tem uma para compartilhar.

É quase impossível não ter ouvido falar sobre o Lobisomem durante uma noite de lua cheia; a crença de que um simples redemoinho poderia ser a manifestação do Saci; ou os relatos que circulam pelas escolas sobre A Loira do Banheiro e a Maria Sangrenta. Estes relatos são disseminados de forma tão vívida que se tornam parte integrante da imaginação coletiva.

Os mitos brasileiro, neste mesmo sentido, desempenham um papel fundamental na formação do imaginário fantástico de inúmeras pessoas. Sejam histórias destinadas ao público infantil ou narrativas mais sombrias. Esses contos têm a capacidade singular de comunicar-se com todo mundo, e essas narrativas não apenas entretêm, mas transcendem barreiras, conectando-se profundamente com a imaginação e a identidade cultural de seu público.

A riqueza da cultura brasileira é repleta de contos em que o sobrenatural se manifesta de maneira surpreendente. As lendas urbanas, sejam verídicas ou fictícias, foram capazes de me fazer perder o sono inúmeras vezes na infância. No entanto, essa não é verdadeira intenção por trás das histórias de terror? Provocar arrepios na espinha e despertar um misto de medo e fascínio? Essas narrativas, repletas de elementos do desconhecido e do inexplicável, muitas vezes são portadoras de uma magia que nos envolve e nos transporta para um universo onde a fronteira entre realidade e imaginação se cruzam.

As narrativas de terror sempre exerceram um poderoso fascínio sobre mim: desde os serial killers caçando mocinhas até as lendas de vampiros evitando a luz do sol, e o encanto letal do canto de uma sereia. Essa mistura entre o assustador e o encantador é extraordinariamente cativante, criando um vínculo especial para aqueles que buscam imersão no mundo imaginativo e assustador.

Embora a influência das produções e obras dos Estados Unidos seja significativa em nossa sociedade, é possível perceber que os subúrbios brasileiros abrigam narrativas de terror que têm potencial para se destacar muito além de uma típica história de serial killer americana. Como mencionei no início deste texto, todo mundo tem uma história assustadora para contar. Recordo-me, também, de quando era criança, reuníamos os amigos da rua para compartilhar histórias de terror, fossem elas verídicas ou inventadas. Ainda hoje, tenho amigos que narram experiências peculiares vividas durante a madrugada, ou que buscam ativamente por relatos que despertem o medo. É inegável: o medo tem o poder de nos impulsionar.



Ilustração do Boitatá ([Imagem: Reprodução/Wikimedia Fando,](#))

Nesta edição, a Revista Especular convida você a entrar no mundo, que muitas vezes pode ser sombrio, das narrativas especulativas nacionais, explorando os lugares mais obscuros que a mente possa imaginar. Afinal, o medo desperta o desejo e a curiosidade pela busca da descoberta. Recomendo que você leia esta edição à luz do dia e, se possível, mantenha um cobertor por perto. Pode ser útil para se proteger, caso algo assustador apareça durante a noite e você precise se esconder sob as cobertas.



Daniel Alves (2000)

Autor independente de 23 anos que se dedica a escrever histórias baseadas em suas experiências. Atualmente é estudante Letras.

ARTIGO POR Gabriel Mello

O Deslocamento Entre os Termos 'mito' e 'folclore' na Produção Especulativa Nacional Como Repressão Às Cosmologias Originárias

RESUMO

Este artigo examina as redes de especulação que moldam as trocas humanas em diversas cosmologias, destacando o esforço especulativo ao conferir significado ao inexplicável. Ao longo do tempo, essas especulações evoluem e se concretizam, resultando em conceitos críveis. O texto explora o deslocamento entre "mito" e "folclore", evidenciando a marginalização das cosmologias dos povos originários, muitas vezes rotuladas como "folclore". Alerta para os perigos da deturpação das tradições, exemplificado pelo caso de Macunaíma, que desrespeita a tradição dos povos indígenas. Concluindo, destaca a importância de tratar com cuidado as cosmologias, rejeitar estereótipos e reconhecer o valor das narrativas ancestrais em diversas culturas.

ABSTRACT

This article examines the networks of speculation that shape human interactions across various cosmologies, highlighting the speculative effort in assigning meaning to the inexplicable. Over time, these speculations evolve and solidify, resulting in credible concepts. The text explores the shift between "myth" and "folklore," exposing the marginalization of indigenous cosmologies, often labeled as "folklore." It warns against the dangers of distorting traditions, exemplified by the case of Macunaíma, which disrespects the traditions of indigenous peoples. In conclusion, it emphasizes the importance of handling cosmologies with care, rejecting stereotypes, and recognizing the value of ancestral narratives in diverse cultures

INTRODUÇÃO

As redes de especulação concretizam as trocas humanas, nas mais diversas cosmologias. A maneira pela qual o Humano olha para o inexplicável e o significa, por si só, representa um esforço especulativo. Ainda assim, e sem sequer precisar entrar em uma abordagem histórica que enfatize o "progresso", aos poucos essas significações, que partiram de uma natureza especulativa, vão se concretizando e ganham uma forma mais veemente, seja pela comprovação das teses ou através da ênfase de uma ideia, que acaba caindo no conceito daquilo que é perene, completamente crível.

Ainda assim, permeando as redes especulativas, é possível se deparar com algumas confluências, congruências e até mesmo discordâncias. Naturalmente, as cosmologias explicam tal movimento, e as abordagens que enfatizam a história e a cultura passam a amarrar com justificativas palpáveis toda essa diversidade de discordâncias.

Nesse contexto podemos perceber alguns movimentos, como já dito, sejam aqueles que aproximam, ou aqueles que divergem as histórias. É comum, por isso, perceber o mesmo conceito sendo trabalho com nomes diferentes, ou histórias sendo contadas através de pautas distantes. E quando me refiro a este fenômeno, não correlaciono àqueles sincretismos advindos de forças colonizadoras, mas sim daqueles casos, bastante curiosos, em que sociedades distantes, sem se conhecerem, parecem dizer o mesmo.

No entanto, há um movimento programático, esse sim enfatizado pela colonização, que busca criar um certo dissenso naquilo que, essencialmente, não é polarizado. É neste instante que busco localizar, e revisitar, o nosso conceito de "folclore" e de "mitologia".



Trecho do curta “Konãgxeka - O Dilúvio Maxakali” (Imagem: Reprodução/Portal Belo Horizonte)

DESLOCAMENTO ENTRE ‘MITO’ E ‘FOLCLORE’

Inegavelmente, há uma tradição que permeia o conceito de “folclore”, sendo os seus estudos parte de uma corrente de pensamento mundial, cuja origem remonta à Europa da segunda metade do século XIX (CALVACANTI, 2002). Se tentar desfazer tais conceitos e tradições, é possível que seja repreendido. Aqui, portando, não busca-se revolucionar ou abominar a dicotomia apresentada, mas gerar reflexão sobre o sua origem e usualidade.

Ainda assim, sem muito esforço, quando escuta-se a palavra “mitologia”, automaticamente somos levados aos milénios passados; às “antigas civilizações”. Seja o impiedoso império romano, ou às histórias clássicas dos antigos gregos; podemos, talvez, cair nas histórias dos antigos impérios chineses, ou nas próprias tumbas dos antigos faraós. Seja para onde for levado, a palavra “mitologia” carrega consigo um triunfo respeitoso; uma ancestralidade superficial, uma que não pode ser acessada e que, por isso, gera um fascínio, partindo do mistério.

Em oposição, automaticamente quando escuta-se a palavra “folclore”, somos levados às cidades de interior. Acabamos em um casarão velho, podendo até mesmo sentir o cheiro da fogueira junina, ou no meio de uma mata, à noite, perdidos. Acabamos caindo no terror. O termo não nos leva ao triunfo, mas às trapaças, ao medo e ao castigo, mesmo que os ditos “mitos antigos” sejam tão macabros quanto aquilo que chamamos de “folclore”.

Este recorte é muito importante para que possamos refletir. Apenas nesta breve e bastante sucinta comparação, com poucos exemplos, é possível perceber a discrepância do tratamento entre aquilo que chamamos de “mito” com o que chamamos de “folclore”. Porém, na prática, os dois termos tratam do mesmo: histórias ancestrais que delatam uma certa cosmologia.

Se aprofundando ainda mais no debate, o real chega: quando falamos de folclore, estamos falando, em muitos casos, da cosmologia dos povos originários. Povos que ainda vivem, ainda constroem e, também, ainda partilham suas cosmologias. Neste sentido, é fácil que simplesmente sejam jogados, juntos com as suas

histórias, para o mais perto possível da marginalização.

Suas narrativas sequer entram em debate, e quando entram são tidas como “folclore”, algo que foi completamente internalizado como uma manifestação inferior à “mitologia”. Ainda assim, mesmo tendo consciência das diversas violências e apagamentos, há um movimento de insistência, um de utilizar palavras diferentes para dizer o que é, no fim, o mesmo. Não por um movimento tradicional de deslocamento da história e da cultura, mas como ferramenta ativa para seguir uma narrativa especulativa de apagamentos, até hoje colonializante.

QUANDO AS TRADIÇÕES SÃO DETURPADAS: O CASO DE “MACUNAÍMA”, DE MÁRIO DE ANDRADE

É neste cenário que muito se perde. Quando atribuímos o respeito aos mitos, mas não ao folclore, nos contentamos como algo banal, quase que exclusivo para fazer as crianças dormir, tornando-se muito mais fácil cair em erros e permeá-los por décadas. A partir disso que muito se perdeu ou foi suficientemente distorcido daquilo que, originalmente, intencionava ser contado.

Embora haja um esforço comunal em manter na sua originalidade os mitos, questionando a todo instante suas variações, nada disto ocorre com o que é taxado de “folclore”. Nas “lendas populares”, outra precária variação para o termo, é descartada toda e qualquer possibilidade de respeito intelectual e, assim, abre-se brechas para apropriações e distorções.

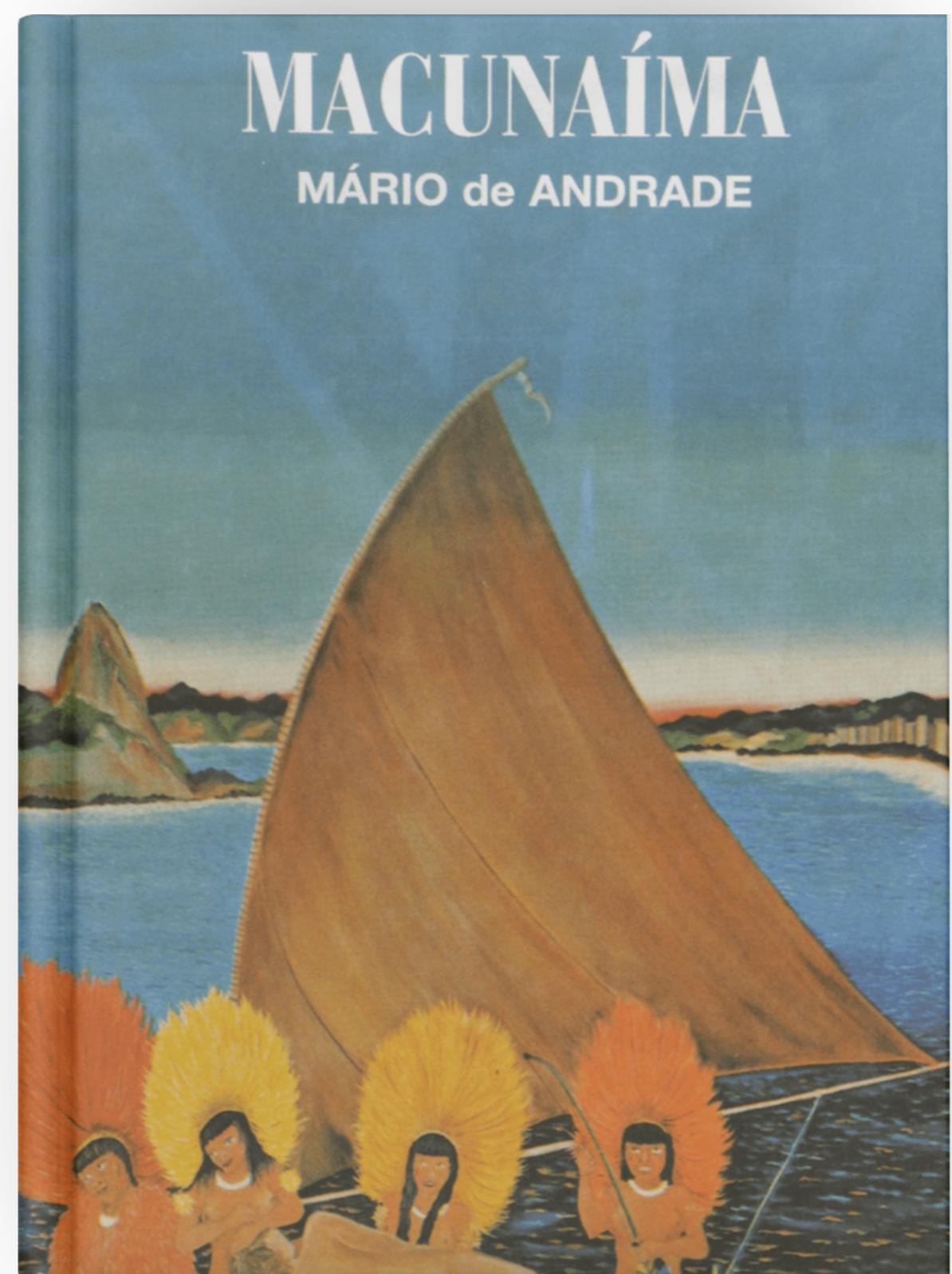
É nessa lógica de descuido que nasce, no final dos anos 20, pelo Mário de Andrade, Macunaíma, em referência ao herói Makunaima

(lê-se Makunãima), deslocado de Roraima por Theodor Koch-Grünberg. "Sem o etnólogo, não existiria Macunaíma: o herói sem nenhum caráter", afirma Cristino Wapichana.

Os povos indígenas têm bem definidos suas espiritualidades, seus criadores e suas histórias, e se orgulham de sua ancestralidade — diferentemente do Brasil português, que tem na sua origem violências contra os moradores destas terras (WAPICHANA, 2021).

mas mostra os desrespeitos que são advindos do ato. Tratar dos mitos, e nisso passo a incluir todas as produções ancestrais, não só aquilo que remete às tidas “grandes civilizações”, invoca o tratamento de uma cosmologia; de uma tradição que teve sua origem muito antes de habitarmos o nosso mundo.

“Macunaíma: o herói sem nenhum caráter” foi publicado em 1928 por Mário de Andrade, e foi “considerado a sua obra-prima”.





A ESPECULAR RECOMENDA:

Assista o curta "PMãri Hi - A árvore do sonho", de Morzaniel Iramari

Sinopse:

"Quando as flores da árvore Mãri desabrocham surgem os sonhos. As palavras de um grande xamã conduzem uma experiência onírica através da sinergia entre cinema e sonho yanomami, apresentando poéticas e ensinamentos dos povos da floresta."

Trabalhar com cosmologias, ou apropriá-las, exige um cuidado enorme, uma vez que toda e qualquer produção a partir daquilo implicará nas vivências e crenças de uma sociedade.

Quando Mário de Andrade cria "Macunaíma", ele descaracteriza toda uma tradição, o ridiculariza e, ainda, utiliza a obra para reforçar estereótipos violentos contra os povos indígenas. Os mitos trazem consigo histórias, vivências e potencialidades; são eles os motores para as especulações e para a firmação de uma rede especulativa proveitosa.

Por muito tempo foi utilizado como desculpa a noção ultrapassada de que o "folclore" vivia na oralidade, mas o mito não. A maioria das obras produzidas e que viriam a ser encaixadas na categoria de "mitologia" na verdade delatam uma gênese, também, na oralidade. A diferença, no entanto, é que com o tempo buscou-se um esforço em traduzi-las à literatura escrita. O mesmo não foi realizado com histórias tradicionais daquilo que não estava nas ditas "grandes civilizações", e quando feito, foi completamente deturpado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos parâmetros das redes de especulação, onde as trocas humanas se entrelaçam, surge uma indagação provocativa: até que ponto podemos demarcar as fronteiras entre "mitologia" e "folclore"? Estamos imersos em um emaranhado de narrativas que, embora rotuladas de maneiras distintas, convergem em seu propósito essencial de transmitir cosmologias ancestrais.

Ao revisitar a dicotomia estabelecida, não buscamos subverter a tradição, mas sim lançar luz sobre as interseções muitas vezes negligenciadas. Automaticamente, a palavra "mitologia" nos transporta aos confins da antiguidade, como já levantado, evocando civilizações grandiosas; no entanto, ao mencionarmos "folclore", somos conduzidos aos recantos mais íntimos e marginais, porém às histórias que permeiam o cotidiano.

No entanto, essa distinção, embora aparente, não é uma barreira rígida. Ao aprofundarmos o debate, percebemos que o "folclore" muitas vezes é portador das cosmologias dos povos originários, narrativas vivas e pulsantes que merecem ser apreciadas sem os filtros depreciativos. Essas histórias, longe de serem relegadas à marginalização, são elos valiosos

para compreender a diversidade de perspectivas dentro das redes especulativas. No folclore escandinavo, por exemplo, as narrativas de seres míticos, como os Norns que tecem o destino, ecoam conceitos similares encontrados em mitologias globalmente reconhecidas.

Essas narrativas folclóricas e mitológicas não devem ser reduzidas a meras histórias pitorescas; ao contrário, elas são fios condutores que ligam as experiências humanas de maneiras surpreendentes. Nas tradições africanas, ainda, aquilo que é tido como "folclore" incorpora cosmologias que exploram a conexão entre os vivos e os ancestrais, transmitindo sabedoria e valores culturais, que moldaram vivências e construíram poderosas narrativas na História Humana.

Diante desse panorama, é importante questionar algumas amarras, problematizando o surgimento de algumas dicotomias, em busca de transcender enraizamentos conceituais que, no fim, apenas segregam. Vale enfatizar, porém, a importância intelectual e política do conceito de "folclore", reconhecendo sua validação de pesquisa e o seu direito de manifestação. Ainda assim, buscar um esforço equitativo da sua conceituação, não o marginalizando com base no conceito, também ancestral, de "mitologia".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOFORADO, Doralice. *Do folclore à cultura popular*. Boitatá, v. 3, p. 176-179, 2008.

BENJAMIN, Roberto. *Conceito de folclore*. Projeto Folclore-Unicamp, São Paulo, p. 1-2, 2022. Disponível em: https://www.unicamp.br/folclore/material/extra_conceito.pdf

CAVALCANTI, Maria Laura. *Entendendo o folclore*. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/download/53422612/entendendo_o_folclore.pdf

LANGDON, Ester Jean. *A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral*. Horizontes antropológicos, v. 5, p. 13-36, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831999000300002>

WAPICHANA, Cristino. "Mário de Andrade reforçou em Macunaíma o sentimento anti-indígena dos brasileiros". *Quatro Cinco Um*, 01 set. 2021. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/literatura-brasileira/o-heroi-sem-apreco>. Acesso em: 24 dez. 2023.



GABRIEL MELLO (2003)

É autor de ficção científica, de realismo mágico e pesquisador de arte/literatura. Já publicou dois livros pela Editora Aurora.

CONTO POR J. Felippo Gomes

O canto do Rasga- Mortalha

O CANTO DO RASGA-MORTALHA

Um conto por J. Felippo Gomes

1

Quando eu era mais novo, costumava ir bastante à casa da minha vó, lá no Pará. Ela morava em uma cidadezinha do interior e, para melhorar tudo, a chácara que ela tinha ficava a uns quinze minutos longe da cidade. Então, por mais que eu amasse minha vózinha, aquela região era assustadora que só. E pensa numa mulher que tinha solução para quase tudo. Parecia mágica, com os chás e as superstições que ela falava. Numa dessas viagens, quando eu tinha por volta dos 10 anos, minha irmã pediu para minha vó contar alguma história assustadora, mesmo sabendo que eu odiava coisas de terror. Ela ficou quieta por alguns instantes, procurando por algo na grande biblioteca que tinha dentro da cabeça... porque ô mulher que tinha história para contar. Depois disso ela estalou os dedos e disse: “Já sei, vou contar pra vocês a história da Matinta-Pereira”. Não sei o que aconteceu naquele momento, mas só de ouvir o nome, meu estômago ‘deu uma embrulhada’ e pude sentir que algo bom não ia acontecer.

Antes de nos reunirmos na sala, uma nuvem preta já começava a cobrir o céu; era certo que uma tempestade ia vir. Fomos para a sala, minha vó sentada na velha poltrona dela, e nós no chão. Aí ela começou:

“A Matinta-Pereira é uma senhora, como eu, porém ela usa roupas velhas e escuras”. Minha irmã riu, perguntando o que tinha de assustador nisso. Mas a minha vó, séria, continuou falando: “Minha querida, ela não é uma senhora qualquer... ela pode se transformar em um pássaro de mau agouro durante a madrugada, aterrorizando todos com seu assobio”. Ela também disse que não ia imitar o assobio por dois motivos: o primeiro porque o assobio era tão característico da Matinta que ela nem conseguia imitar; e o segundo porque, segundo ela, nunca se deveria caçar dos seres da floresta.

“E ela só para quando lhe prometem algo, geralmente fumo. E aqueles que não cumprem, são amaldiçoados”. Naquele momento, um raio caiu perto, fazendo um barulhão, e eu e minha irmã gritamos assustados. A energia na casa caiu, mas não impediu minha vó de continuar; ela apenas acendeu uma velha e a deixou de lado, iluminando metade do seu rosto. Nem preciso dizer que tudo ficou bem mais assustador...

“Numa certa noite, um homem estava em sua casa, ele já era aposentado, porém era solteiro e nem tinha filhos. Sempre ficava na frente da sua casa, fumando e bebendo, dizem que em uma noite uma rasga-mortalha pousou no portão dele, com olhos negros, o encarando profundamente. A princípio o homem tentou espantar o bicho, mas ele nem se mexeu. Incomodado com a criatura o encarando, ele entrou dentro de casa... e foi aí que o assobio começou”.

Nisso, um vento entrou na sala, fazendo a chama da vela tremer e uns fios de cabelo da vovó mexer. “Um assobio estridente”, ela continuou, “fino e pavoroso, de fazer a base da espinha tremer e seus fios de cabelo se arrepiarem todinhos”. A cada palavra da minha avó, parecia que a tempestade ia aumentando, com o vento criando sons parecidos com assobios... assobios finos e estridentes.

2

“E, de repente, tudo cessou. O homem, estranhando toda a situação, foi até o lado de fora da sua casa e deu volta nela inteirinha. Mas não havia nenhum sinal da ave que ali estivera. Cansado, porque o som do bicho o deixou acordado além do seu horário, ele se deitou para dormir. O seu descanso, porém, não durou muito, pois o assobio havia retornado”.

Naquele momento, minha irmã e eu já estávamos colados um ao outro, ouvindo com bastante atenção. E por mais que ainda fosse de tarde, a tempestade lá fora deixava tudo ainda mais escuro.

“Eram três horas da manhã, e o velho já não aguentava mais aquele som maldito. E, então, num momento de raiva, ele disse: ‘Volte amanhã para buscar o que tu quer, e me deixa em paz!’” Minha vó fez uma pausa dramática, depois de imitar a voz amedrontada do homem. Também, como se a própria natureza estivesse ao controle da minha vó, o som que o vento estava fazendo, parou. Ainda ventava, mas o assobio tinha parado.

“O canto parou na mesma hora, e o velho, aliviado, foi dormir. No outro dia, o velho estava de novo na sua cadeira de balanço, fumando e bebendo. Lá pro meio da tarde, uma senhorinha parou na frente do portão e ficou olhando pro velho. Ele já estava meio embriagado, começou a se irritar e gritou: ‘Quê que tu quer? Diga logo e deixe de me aperrear’, e a velha o respondeu: ‘vim buscar o fumo que tu me prometeu ontem’. Ele ficou confuso, não se lembrava de ter prometido nada a ninguém. Óbvio! Enchia tanto a cara que não a memória era toda ruim! ‘Tá louca? Eu num prometi nada para seu ninguém, não. Agora vá e não me irrite, não’. A velha não ficou irritada, apenas o encarou um pouco mais, com olhos negros como a noite. ‘Certeza que tu não me deve nada, não?’, ela perguntou e o velho gritou: ‘ABSOLUTA!’. A velha, então, com o rosto mais parado possível, só se virou e foi embora, sem dizer nada”.

Naquela pausa na adrenalina da história, nós aproveitamos o momento para lanchar e para ela descansar. Quando voltamos, eu e minha irmã só mudamos de lugar e nos sentamos no sofá que tinha, porque sabíamos que a história ia demorar um pouco mais, e nossas costas já estavam doendo.

“Olha, meninos, essa parte ninguém sabe direito... só sabem que uns três dias depois, mais ou menos, esse velho apareceu doente e tava procurando ajuda. Quando foram ver o que ele tinha, ele tava suando frio. Dor no peito, náuseas e dores nas costas. Os curandeiros tentaram de tudo, mas nada deu certo não, e sete dias depois o véi tinha morrido”.

Lembro de me perguntar como sabiam daquela história então, já que aconteceu justamente com o velho. Minha vó disse que o velho quem falou tudo, numa espécie de delírio febril e raros momentos de lucidez. O que dificultou em saberem se era real ou não. Os mais supersticiosos acreditaram, e os céticos duvidaram, mas independente do que tenha acontecido, aquela era a versão que minha vó ouviu, vindo direto da sua mãe, que teve a sorte de ouvir em primeira mão; ou seja, a história não tinha furos e nem foi modificada. Minha irmã e eu agradecemos à vovó pela história e fomos brincar mais um pouco antes de dormir.

3

Alguns dias se passaram. Em momentos em família, minha irmã e eu pregávamos peças e nos divertíamos na chácara, aproveitando cada comida que a vovó fazia. Enfim... a gente se divertiu à beça! Mais ou menos quando a viagem estava chegando ao fim, minha irmã e eu resolvemos brincar à noite na chácara. Em determinado momento, vimos uma coruja pousar na cerca que rodeava o lote. Ela era meio grande, com as penas do corpo de tons escuros, o rosto branco e olhos negros, estranhamente lembrando uma maçã.

Nós estávamos admirados, eu nem lembrava da história que tinha ouvido, estava apenas apreciando aquele belo ser. Mas a admiração caiu no mesmo instante em que ela começou a piar. Acho que eu nunca fiquei com tanto medo na vida quanto eu fiquei naquele momento. O canto dela era pavoroso, tão estridente que parecia alguém passando as unhas em um quadro negro. Meu corpo inteiro tremia involuntariamente; meu coração batia tão rápido que parecia que ele ia pular para fora do meu peito.

Eu não sei quanto tempo eu e minha irmã ficamos ali, ouvindo e vendo aquela criatura amedrontadora... só sei que pareceram horas. Só recobrei meus sentidos quando eu senti um puxão, e vi que minha vó estava puxando eu e minha irmã pelos nossos pulsos. Ela nos afastou de perto da coruja e disse:

“Volte amanhã para buscar o que tu quer.”

Então o canto parou. A ave parecia observar muito bem nós três, mas principalmente a minha vó. Quase como se estivesse gravando os nossos rostos... gravando o rosto da minha vó. E tão rápido quando ela veio, rápido ela partiu, levantando voo e sumindo na escuridão da noite. Minha vó nos virou para ela e perguntou se estávamos bem; assentimos com a cabeça e ela nos abraçou, tentando nos confortar depois daquele breve trauma recém adquirido.

Então, nós entramos; nossos pais perguntaram em tom de brincadeira o que tinha acontecido de tão ruim, já que era “apenas um pássaro lá fora”. Demos aquele riso frouxo concordando e só desviamos do assunto. Não queria relembrar daquilo nem que me pagassem.

Minha vó nos acompanhou até o quarto em que nós estávamos, e nos tranquilizou, falando que não tinha com o que se preocupar, desde que o que foi prometido fosse entregue à Matinta. Pediu, também, para que não comentássemos nada com os nossos pais porque, mesmo se eles acreditassem, não faria sentido os envolver em toda aquela história. Então, acabou virando um segredo entre nós três, e nunca comentamos com ninguém. Não até agora.

4

Bom, no dia seguinte, ficamos o dia inteiro apreensivos, mesmo que estivesse um dia lindo e ensolarado, minha irmã e eu ficamos olhando para a entrada da casa o tempo todo.

Nos poucos momentos que conseguíamos esquecer da Matinta, algum barulho repentino trazia de volta a memória da noite anterior. Lá para o final da tarde, com um pôr do sol lindo, uma nuvem cinza começou a vir na nossa direção. E vinha rapidamente. Naquele ponto, minha irmã e eu já tínhamos sentado na frente da casa, na pura ansiedade, esperando uma velha aparecer. E foi aí que nós a vimos: uma figura na distância, pequena, encurvada e repleta de roupas de tons escuros. No mesmo instante, eu senti um arrepio, como se tivesse visto aquela coisa antes.

À medida que se aproximava, deu para ver que era uma senhorinha, não devia ter mais que uns oitenta anos; era pálida, mas, ainda assim, as maçãs do rosto eram levemente coradas. Quando ela se aproximou do portão, ficou ali, em silêncio, nos observando. Ela era quase igual àquela velha em que a Rainha Má, da Branca de Neve, se transformava. Mas seus olhos eram negros, igual ao da rasga-mortalha, as roupas de tons bem parecidos com os das penas e um corpo um tanto quanto alto e esguio.

Depois do que pareceram horas, ela bateu palma, chamando pelo nome da minha vó, como se a conhecesse. Minha vó apareceu alguns segundos depois, com uma trouxinha na mão, e cumprimentou a senhora. Pelo visto eram amigas de longa data, o que para mim foi uma surpresa, já que não esperava que minha vó fosse ser amiga de um ser mágico e esquisito. Como eu não era bobo nem nada, falei para minha irmã para fingirmos que estávamos brincando, para ouvir o que elas estavam conversando. Não pude ouvir muita coisa, parecia que estavam apenas botando o papo em dia. Até que eu ouvi:

“Aí, Antônia, me desculpa. Você sabe que eu não resisto a assustar crianças”. Eu senti que ela queria que eu ouvisse... eu olhei de canto de olho e, por um milésimo de segundo, parecia que ela tinha um brilho no olhar. Novamente, senti um calafrio.

E então ela se despediu da minha vó, e foi embora. A nuvem cinza que parecia ter vindo junto com ela foi embora só depois, trazendo de volta aquele dia lindo. Quando minha vó estava voltando, e passou perto da gente, não consegui resistir e tive que perguntar:

“Vovó, a senhora conhecia ela? Eu não sabia!”

Na época, recebi uma resposta meio esquisita, algo que uma criança nunca entenderia. Porém, hoje eu sei o significado de “Ah, meu querido, quando você é a sétima filha, depois de outras seis meninas, você ganha umas habilidades especiais”.

5



J. Felippo Gomes (2003)

É autor independente de ficção científica e Fantasia. Atualmente cursa Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB) e a sua primeira publicação foi pela Revista Especular.

RESENHA POR Nayra Dantas

A Última Estação, de Igor Ribeiro



A ESPECULAR RECOMENDA:

Acesse o e-book do livro "A Última Estação" [clikando aqui](#)

Se preferir, leia na versão física [clikando aqui](#)

"A Última Estação" conta a história da nossa personagem principal Aisha, cuja vida que costumava ter vira de ponta cabeça quando acorda em um mundo totalmente novo, colorido de quase doer os olhos, com vários objetos excêntricos por todos os lados e criaturas curiosas em seu caminho, a exemplo de Haias, Buxus e Mitsue.

A obra, escrita pelo autor cearense Igor Ribeiro, publicada em 2023, conta com a mistura de elementos da fantasia, da aventura e do suspense; tudo em um equilíbrio perfeito a cada capítulo, tornando os leitores mais e mais envolvidos com a leitura, e em busca de saciar a curiosidade que a história passa. Isso tudo porque um grande segredo é revelado com o passar das páginas; um segredo que pode mudar totalmente o rumo da história lida!

À primeira vista, o livro chama a atenção pelo título peculiar e pela mistura de cores na capa. Além disso, possui uma leitura tranquila, não sendo cansativa; em uma tarde de final de semana os leitores mais curiosos poderão terminar a leitura sossegados, visto que a imaginação, estimulada por vários elementos textuais, e a maturidade da história contada conseguem manter quem está lendo cada vez mais interessado em terminar o livro.

Ao meu ver, a obra traz, principalmente, uma história de amadurecimento da protagonista Aisha, enfrentando uma série de desafios que, muitas vezes, a faz pensar se realmente conseguirá ou não enfrentar de cabeça erguida os obstáculos no seu caminho.

Da mesma forma, ela terá de resolver o mistério acerca do porquê ter parado naquele mundo tão misterioso e colorido sozinha, já que o medo e a insegurança relacionados aos traumas de vida passados, ou à própria personalidade, lhe causam temor. Contudo, graças à ajuda de amigos que fez ao longo de sua jornada, Aisha consegue completar seu objetivo em busca da verdade!

Por fim, quando ela descobre, de fato, o que seria "A Última Estação", imediatamente surge um misto de sentimentos aos leitores, que vão desde às risadas, passando pelo choro, até chegar no medo. O autor consegue trabalhar tudo isso de forma perfeita ao longo da história e faz com que a pessoa que está lendo se sinta apegada à história de Aisha.

Na minha opinião, é uma leitura maravilhosa e que todos deveriam ler para se encantarem com esse universo mágico e curioso.

Para você, o que seria, de fato, a última estação?

Nayra Dantas

(1997)



Recém formada em odontologia e viajante dos cenários de vários locais da vida real. Ama livros de aventura e romance, sempre levando algum na sua bolsa de viagem! Acredita que a beleza da vida está nas pequenas coisas e detalhes.

ENSAIO POR Davi Royalty

Por que o Brasil não ocupa um lugar fixo no centro do entretenimento do Terror e da Fantasia no mundo?



Um Real comemorativo de 25 anos desde a implementação do Real no Brasil

Há séculos, o entretenimento se provou mais do que um instrumento de “livrar-se do tédio” para o povo, como também mostrou-se sendo uma ferramenta que mantém a história gravada na mente dos mais jovens, e uma forte arma de manipulação. Na franquia de jogos digitais “Civilization”, por exemplo, você, como jogador, recebe como objetivo de jogatina “dominar o mundo inteiro”, e o jogo te fornece algumas possibilidades para sua vitória ser válida, seja por Dominação Militar, Diplomacia, Religiosa, Científica e ou Dominação por Cultura. Sendo assim, podemos entender que a 2K, com desenvolvedora do jogo, enxerga que há mais de um caminho para controlar o planeta, para além da guerra armada, sendo alguns até mais efetivos, silenciosos e pacíficos. Afinal, se você dominar a mente, o tempo e o descanso de todo povo inimigo, qual deles vai apoiar a nação e ir contra você?

Se isso é uma realidade dentro dos computadores, pode a “Vitória por Dominação Cultural” ter alguma realidade no mundo que a gente vive? E se sim, os países estariam travando hoje uma guerra silenciosa debaixo dos nossos narizes? E por que o Brasil, um país com uma história tão rica e única, além de uma cultura tão viva e amada, estaria perdendo com folga essa competição? Ou, no caso do Brasil, seu buraco é mais fundo e ele estaria em uma situação pior do que a de perder essa competição? Afinal, mesmo tendo todos esses pontos positivos, este estaria sendo unicamente comercializado internacionalmente como um país raso de pobreza, crime e perversão sexual?

A história mundial é marcada por exemplos em que a cultura emergiu como uma força influente, deixando uma impressão duradoura nas dinâmicas globais. Um caso notável é a contribuição da cultura chinesa para o cenário internacional. Com o crescimento econômico do país, a disseminação da língua mandarim, a popularidade da culinária chinesa e o reconhecimento internacional do cinema chinês – com Jackie Chan e outros grandes atores – a China tem consolidado uma presença cultural marcante. Paralelamente, a Índia, com sua indústria cinematográfica vibrante (Bollywood), é um exemplo claro de como a cultura pode ultrapassar fronteiras nacionais e exercer uma influência notável. Esses casos destacam que a vitória por meio da dominação cultural não apenas é viável, mas também se revela como uma estratégia eficaz para nações que buscam afirmar sua presença e impacto no cenário global.

Em diversos séculos a cultura foi protagonizada por países diferentes, a Mesopotâmia já foi o lugar mais poderoso, seguido por Egito, Grécia e, séculos no futuro, Reino Unido e Estados Unidos. Os países nessas disputas tentariam ao máximo ter vantagens em cada pequena área, e hoje é inegável que o protagonista mundial do



Cena do dorama, ou K-drama, "True Beauty", da Coreia do Sul (Reprodução)

entretenimento e cultura são os Estados Unidos, exportando todo tipo de material cultural como filmes, séries, músicas, livros e jogos. Mas há países que tentam disputar o mercado da cultura, e até conseguem. A França, por exemplo, com seus filmes e pinturas; a Rússia com seus livros e jogos; ou a Coreia do Sul sua música, seus filmes e seus doramas. Mas por que o Brasil não consegue ter seu lugar fixo de destaque no pódio?

Nesse sentido, a falta de ter a cultura brasileira como o centro da narrativa do terror e da fantasia pode ter diversos motivos, exceto a qualidade e as inspirações. Nas últimas décadas, é inegável que a qualidade desempenhada pelas produções cinematográficas americanas vem sobressaindo sobre as produções brasileiras, com os investimentos e retornos recebidos pela indústria dos filmes e das séries, algo que se mostra previsível e até mesmo capaz que continue a acontecer por muito tempo. Agora, a dominação cultural infligida no mundo é uma medida pensada e estratégica, como arma de guerra? Ou é apenas uma consequência do trabalho árduo de pessoas extremamente talentosas com a vantagem do dinheiro? Ou,

talvez, como terceira opção, a cultura que hoje está sobre os holofotes está nele pelo motivo de que ela é simplesmente superior às outras?

Doramas coreanos são famosos por sua qualidade, além da quantidade absurda de produções em catálogos de streamings atuais. Hoje eles têm muitos fãs ao redor do mundo, mas é fato que o governo sul-coreano, que antes era totalmente irrelevante no cenário cultural mundial, sendo totalmente esquecido por décadas comparado aos seus vizinhos do continente asiático, vem investindo grande parte de sua verba na cultura, e certamente essa estratégia está funcionando como nunca! A cultura coreana vem sendo espalhada fortemente pelo mundo como um meteoro cada vez mais poderoso ao passar dos anos. O PIB coreano de 1.67 trilhão, mas ainda é menor que o brasileiro, de 1.92 trilhão (Fonte: Banco mundial - Ano de 2022). Entretanto, a Coreia do Sul vem investindo quantias absurdas em cultura; só em 2020 o país investiu 25 bilhões de reais em cultura, mais do que oito vezes o que o Brasil pretende investir por ano até 2027 (3 bilhões anuais), e isso é certamente um dos motivos pelos quais a cultura coreana vem

emplacando sucesso viral a cada ano que passa, passando por música pop no topo da Billboard às séries no top 1 da Netflix.

O Brasil tem uma cultura que perpassa por seres mitológicos como Saci Pererê, Cuca, Curupira, entre outros, os quais dariam ótimos filmes de terror ao terem esses protagonistas sozinhos ou juntos. Também temos histórias reais que se passaram no grande território brasileiro e vêm sendo esquecidos pelo tempo, como Luiz Gonzaga, Lampião, Chico Anysio e grandes gênios científicos como César Lattes, que teve como grande conquista descobrir uma nova parte do átomo; ainda assim, teve seu Nobel da física “roubado”, sendo-o creditado ao seu chefe, um italiano.

Talvez seja o próximo passo para o Brasil ter sua cultura como o centro da arte e da ficção especulativa; o país começar a realmente apoiar grandes nomes nacionais e valorizar sua própria cultura. Mas, no fim, dificuldades no meio do processo sempre servem para fortificar uma grande vitória. Vale lembrar que mesmo Hollywood sendo a estrela que é hoje nasceu de uma grande dificuldade: iniciar o cinema nacional americano enquanto fugia de Thomas Edison, o patenteador da máquina filmadora utilizada na época, sabendo que se Edison os alcançassem os processariam e tomariam suas câmeras.

Na ficção especulativa o Brasil tem muito material original a ser publicado. No campo da literatura, autores como Machado de Assis e Clarice Lispector têm atravessado fronteiras culturais, conquistando leitores além das fronteiras nacionais. Esses exemplos ressaltam que, apesar dos obstáculos, a cultura brasileira possui elementos cativantes e inovadores capazes de capturar a atenção global e, possivelmente, reverter a falta de destaque que o país experimenta em certos cenários culturais. Machado de Assis, conhecido como o "Bruxo do Cosme Velho", não apenas construiu mundos

fictícios, mas também teceu comentários afiados sobre a natureza humana. Suas obras, como "Dom Casmurro" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas" desafiam fronteiras linguísticas e culturais, explorando temas universais de amor, traição e existência. Clarice Lispector, por sua vez, com sua prosa introspectiva, oferece uma visão profunda da alma humana em obras como "A Hora da Estrela" e "A Paixão Segundo G.H".

No vasto panorama da literatura brasileira, vislumbramos uma riqueza de elementos narrativos que, se devidamente explorados, têm o potencial de estabelecer o Brasil como o epicentro do Terror e da Fantasia. A cultura vibrante, permeada por mitos e seres lendários, oferece um vasto repertório de inspiração para narrativas envolventes e únicas. Esses seres mitológicos, muitas vezes negligenciados, são tesouros narrativos que, quando trazidos à luz, podem proporcionar uma perspectiva única e autêntica ao cenário global de terror. Além disso, temos uma rica tradição de histórias reais que poderiam ser transformadas em narrativas de fantasia cativantes, oferecendo um terreno fértil para a criação de enredos que mesclam o real e o imaginário. Essas narrativas podem ir além de fronteiras, apresentando ao mundo um Brasil multifacetado, repleto de nuances que vão além dos estereótipos convencionais de pobreza, fome, criminalidade e sexo.

A ESPECULAR RECOMENDA:

Leio o artigo ["Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença"](#)





Cena do documentário “Retratos Fantasma” ([Reprodução/Poder 360](#)).

Machado de Assis e Clarice Lispector, como mencionado anteriormente, não apenas atravessaram fronteiras com suas obras, mas também lançaram as bases para uma literatura brasileira que explora as complexidades da condição humana e hoje a liberdade de criar em cima da cultura ainda é maior do que na época desses autores onde o brasileiro comum tem oportunidades de estudo muito além de livros da biblioteca da cidade. Com todos criando e deixando a criatividade desbravar em nossos escritos podemos estabelecer o Brasil como um ponto de referência obrigatório no universo do terror e da fantasia. Portanto, ao reconhecer e valorizar esses elementos distintos da cultura brasileira, podemos não apenas enriquecer a narrativa global, mas também consolidar o Brasil como o epicentro de um gênero literário que há muito espera ser explorado em sua plenitude.



DAVI ROYALTY (2002)

Escritor e criador de conteúdo, fascinado pelo estudo do storytelling e do poder das narrativas. Navega entre as artes, absorvendo influências de cinema, pintura e música, sempre buscando o próximo degrau.

Valeu por especular

até o mês que vem!

Todo o conteúdo desta revista será postado no blog do site. Sinta-se à vontade para comentar e criar uma rede de especulação por conta própria!

www.revistaespecular.com.br/blog

Editoração por BIANCA DE SOUSA
GABRIEL MELLO

Design e diagramação por GABRIEL MELLO